

A guerra cultural – resenha crítica de um metafísico

Rubi Rodrigues¹

A obra *A guerra cultural*², do filósofo argentino Agustín Laje, que, declaradamente, tece reflexões com o propósito de viabilizar virtual Nova Direita política, coloca ao alcance dos brasileiros interessante trabalho analítico sobre a evolução da política ocidental, tomando por referência o conceito de guerra cultural. Por guerra cultural, Laje entende um conflito de certa envergadura, travado no âmbito da cultura, cujo espólio é a própria cultura, isto é, o conflito visaria a determinar ou a impor um conjunto de valores e de conceitos capazes de moldar o espírito coletivo ou o fundo de cultura que embasa o processo interpretativo em determinado grupo social. Nos termos do autor: *a guerra cultural visa definir os elementos hegemônicos de uma cultura* (p. 29).

A obra é desenvolvida em seis capítulos. O primeiro é dedicado à discussão do que seja cultura e do que seja guerra bem como ao conceito de guerra cultural resultante da articulação dos dois termos. No segundo capítulo, são destacados três elementos diferenciais que conferiram feição própria à Era Moderna, quais sejam: a secularização cultural, a mercantilização da economia e a estatização da política, declaradamente sem pretensão de esgotar o tema. Essa diferenciação é feita tomando o período pré-moderno como contraponto e resultando em esclarecedor panorama cultural geral dos dois períodos. O resultado é tanto uma convincente caracterização cultural do período pré-moderno, como sendo fundamentalmente religioso, quanto uma caracterização adequada do período moderno, como entronização do conhecimento racional na condição de medida de todas as coisas balizada pelo cálculo lógico de meios e de fins (p. 34).

No terceiro capítulo, Laje explora as inovações conceituais e tecnológicas que configuraram a experiência moderna, destacando a democratização política e a consequente valorização da opinião pública, o processo de massificação da sociedade e da produção, propiciado pelos avanços nas comunicações, o papel dos intelectuais, o surgimento da ideologia socialista e a emergência do conceito de destruição programada, tudo em meio à nova ordem social. Esse capítulo oferece-nos rico panorama dos valores que ganham destaque com o advento da racionalidade instrumental, princípios e sentidos que qualificam tanto a Modernidade como o Iluminismo, refutam a tradição como obstáculo civilizatório e despertam sentimentos de superioridade do homem frente à natureza, imaginando que a razão o habilita a usá-la como bem lhe convier.

No quinto capítulo, o autor realiza adequada diferenciação da Pós-Modernidade sobre a Modernidade. Em termos históricos, e para fins de análise, Laje divide a história em três períodos – Pré-Modernidade, Modernidade e Pós-Modernidade –, possivelmente, em razão do Período Imperial e da Idade Média; em termos culturais, compartilham do mesmo fundo cultural de ordem religiosa. Essa organização revela-se adequada para ressaltar que a Modernidade, ao denunciar a tradição, de fato, estava refutando essa ordem religiosa, em movimento que a Pós-Modernidade vai aprofundar, desdenhando toda a tradição. Na diferenciação da Pós-Modernidade, Laje destaca a economia pós-industrial voltada para serviços, com suas implicações culturais e criativas, a consolidação da sociedade de massa e de consumo e o início da cultura digital. É nesse capítulo que o autor começa a configurar a disputa pelo poder que pode, legitimamente, ser designada de guerra cultural tanto por objetivar francamente o domínio da cultura como em razão das facilidades e das

¹ Metafísico, pesquisador em Teoria do Conhecimento e CEO da Academia Platônica de Brasília.

² LAJE, Augustín. *A guerra cultural: reflexões críticas para uma Nova Direita*. Tradução Ricardo Harada. Campinas: Vide Editorial, 2023. 363 p.

condições de contorno criadas pelo avanço das telecomunicações e da informática. As transformações provocadas pela digitalização da informação são tantas e tão profundas que o autor dedica o quinto capítulo para uma discussão detida do contexto técnico, midiático e político no qual a guerra cultural desenvolve-se e consolida-se como estratégia e campo da disputa do poder. Destacam-se nesse ponto não apenas a digitalização, a coleta e o tratamento de dados em larga escala, a ascendência da imagem como registro e recurso comunicativo, mas também as implicações políticas e econômicas decorrentes assim como o uso potencial desses recursos para o bem e para o mal das conveniências humanas.

Com esse percurso analítico, Laje reúne as premissas e os pressupostos que lhe permitem enfrentar, crítica e consequentemente, o objeto do livro posto no último capítulo, que é a guerra cultural em curso, presentemente no Ocidente, e oferecer a sua proposta de uma Nova Direita para fazer frente às concepções socialistas que, embora atualmente sejam hegemônicas, apresentam fissuras e contradições estruturais que cumpre reparar. O sexto capítulo começa com a análise da diáde esquerda x direita, que resume o conflito de modo inteligível para todos, até mesmo para aqueles capturados pelas imagens das telas que, virtualmente, até de modo inconsciente, relegam o pensar para um segundo plano no processo de obter entendimento. Para estes, resulta mais cômodo olhar para a tela e acreditar no que veem, o que, naturalmente, amplifica o poder de quem programa a tela.

Laje percebe o sentido topológico – e nós acrescentaríamos horizontal – e precário da diáde para representar a complexidade do confronto, mas, em razão do seu poder comunicativo, desiste de encontrar um referencial alternativo e acaba aceitando a diáde e oferecendo uma solução identitária para a direita dentro do mesmo referencial: Nova Direita. Deixa prudentemente registrado, entretanto, que considera essa solução precária em face de tudo o que está em jogo e se declara aberto a sugestões.

Ao dissecar o poder representativo da diáde, Laje percebe que em seu sentido mais pobre ela serve simplesmente para afirmar que esquerda serve para indicar o que não é direita e direita serve para indicar o que não é esquerda e assim chega à necessidade de encontrar conteúdos identitários próprios que superem essa mera negação do outro. Textualmente, ele afirma: “Há algo que faz com que as esquerdas sejam de esquerda e as direitas sejam de direita. Mas esse algo é extremamente difícil de encontrar, e os filósofos políticos ainda não chegaram a um acordo” (p. 271).

Apesar das dificuldades de enquadrar a realidade na diáde, Laje desenvolve meritório esforço de identificação dos conteúdos próprios dos dois termos. Desse esforço vale destacar nesta resenha apenas o fundamental. Primeiramente, ele aceita proposição do filósofo espanhol Gustavo Bueno, que identifica na práxis da esquerda um padrão típico de ação, o qual envolve uma fase analítica e uma fase sintética. Nos termos do autor, no campo social, isso evoluiu para destruição e reconstrução: “a esquerda poderia ser definida como o desejo de quebrar o campo social e suas relações dadas, para depois construir algo a partir dessa espécie de tábua rasa que foi deixada flutuando” (p. 274). A direita, ao contrário, tentaria harmonizar as partes assim como elas são organicamente dadas. Em resumo, contrapõe-se, aqui, engenharia social e aperfeiçoamento social. Essa oposição de superfície revela-se importante por suscitar uma diferença fundamental: a direita reconhece a presença de uma ordem natural imperativa que condiciona toda a existência, de modo que a ação precisa ser desenvolvida com prudência, dentro de um espaço de possibilidades que pode ser expandido, mas resulta ser limitado, enquanto a esquerda considera que a natureza e as coisas podem ser moldadas livremente segundo desejos e conveniências humanas. Em consequência, a esquerda não aceita hierarquias, e todas as existentes são interpretadas como formas de opressão, até mesmo a tradição.

Com isso, a organização social ideal perseguida seria aquela na qual todas as diferenças pessoais “opressoras” fossem eliminadas. Para indicar as implicações, Laje usa como exemplo o caso “do feminismo hegemonic de gênero – uma expressão exitosa contemporânea do esquerdismo cultural” (p. 275), segundo a qual as diferenças biológicas, psicológicas e sociais entre homem e mulher são explicadas como “opressão patriarcal” e as vantagens femininas empiricamente verificáveis são silenciadas ou atribuídas à “astúcia do sistema”. Essa posição desconsidera o que se conhece por natureza humana e valoriza a crença de ser possível moldar completamente o homem pela cultura, independentemente da natureza.

Em seguida, Laje desenvolve detida análise de como as ideias de esquerda, originalmente de conotação revolucionária e centradas na dimensão econômica – particularmente, em razão do fracasso generalizado na dimensão econômica, consubstanciado nas guinadas capitalistas da Rússia e da China – vão mudando, de forma paulatina, para a cultura e para a guerra cultural, indicada, sinteticamente, pela diáde esquerda x direita, a partir de agora, com a conotação política de disputa do controle do Estado. Nesse percurso analítico, que o leitor terá de examinar no texto original para formar a sua própria visão de conjunto, são examinados os principais casos concretos que demarcam essa história, considerando a evolução dos conceitos, seus propositores e sua inclusão na guerra cultural, tanto à esquerda como à direita. Essa análise contempla um mosaico de temas, revoluções e conflitos, que se estendem, grosso modo, da revolução francesa aos dias atuais: as ideologias fascismo, nazismo, comunismo, socialismo, liberalismo, nacionalismo e globalismo; as ideias de Marx; as contribuições da Escola de Frankfurt; o marxismo ocidental; a curiosa e conveniente aliança entre magnatas capitalistas e as militâncias de esquerda, por intermédio de Organizações Não Governamentais (ONGs); o movimento estudantil de Paris, em 1968; o advento de objetivos pontuais, como o ataque à família tradicional proposto por Horkheimer; movimentos LGBT e afins, o feminismo, o racismo; o aparelhamento das instituições culturais; a fragmentação da direita; e, enfim, a evolução das estratégias de luta até centrá-las francamente na conquista da cultura.

Em conclusão, Laje apresenta proposta de uma Nova Direita consubstanciada em uma aliança tática das diferentes correntes de direita – libertários, conservadores, patriotas, tradicionalistas –, para uma caminhada na direção de um mundo além de todas as diferenças (?), utilizando uma agenda mínima, antiglobalista, de estado-nação, de governo limitado, não racista nem discriminatória, e, naturalmente, também de ataque frontal às fragilidades e às contradições conceituais do esquerdismo. Com isso, Laje finaliza uma obra bem concatenada, que tem começo, meio e fim e proporciona um instigante panorama do conflito cultural em que estamos envolvidos; por esse motivo, ela merece ser lida.

Apesar disso, o autor reconhece que a persistência da diáde esquerda x direita, como forma sintética, simples e comunicativa de contemplar o conflito, representa entrave de envergadura para a superação da crise, razão pela qual rendeu-se à solução proposta. Do ponto de vista metafísico, a razão desse resultado é evidente: o conceito de guerra cultural resulta da observação dos fatos tais como eles desenrolaram-se, em virtude de que toda a análise desenvolve-se coletando e contemplando os casos concretos que materializaram as intenções. Em termos filosóficos, os acidentes. Esse modo de olhar, usando a lente de “guerra cultural”, embora retrate o curso real da história, não tem a capacidade de ver potenciais cursos alternativos. Daí a conclusão alcançada não alterar as circunstâncias que emolduram o conflito e, assim, não ensejar solução mais convincente. É nesse sentido que a metafísica clássica pode ajudar, aportando um olhar que não se satisfaz com a superficial e aparente forma particular dos acidentes, mas

penetra nas raízes ontológicas da realidade em busca dos fundamentos que amparam as realizações acidentais efetivadas. Não há dúvida de que a cultura configura o inconsciente coletivo, o fundo de referência ou a cosmovisão a partir do qual uma população pensa e interpreta as suas circunstâncias e, dessa maneira, o conceito de guerra cultural justifica-se plenamente. O que a metafísica destaca é que a própria cultura constitui fruto do pensamento humano e que pensar é uma habilidade a ser desenvolvida no curso da vida, sendo ela, no bebê, meramente potencial. Tratando-se de uma habilidade que precisa ser desenvolvida, contempla uma fase inicial de interpretação e de entendimento precários e abrange um horizonte evolutivo de crescente competência interpretativa. O que os nossos estudos da metafísica de Platão revelaram é que esse aprendizado não se limita ao indivíduo, mas também estende-se à humanidade como um todo, regulando e determinando o próprio processo civilizatório, na medida em que ele está atrelado à evolução do discernimento. Não apenas o homem age de acordo com o seu discernimento, como os conglomerados humanos desenvolvem modos de ser e de viver correspondentes aos modos de pensar predominantes. Com isso, tornou-se possível formalizar uma história do discernimento humano que corresponde, não por acaso e de modo preciso, à história da civilização humana, adequadamente organizada pela historiografia, como sabemos, em quatro eras civilizatórias sucessivas e bem distintas entre si – o Período Imperial, a Idade Média, a Modernidade e a Pós-Modernidade; distinção essa resultante, então, de alterações profundas nos modos predominantes de pensar de cada era, bem de acordo com a linha interpretativa desenvolvida por Laje no texto que estamos resenhando.

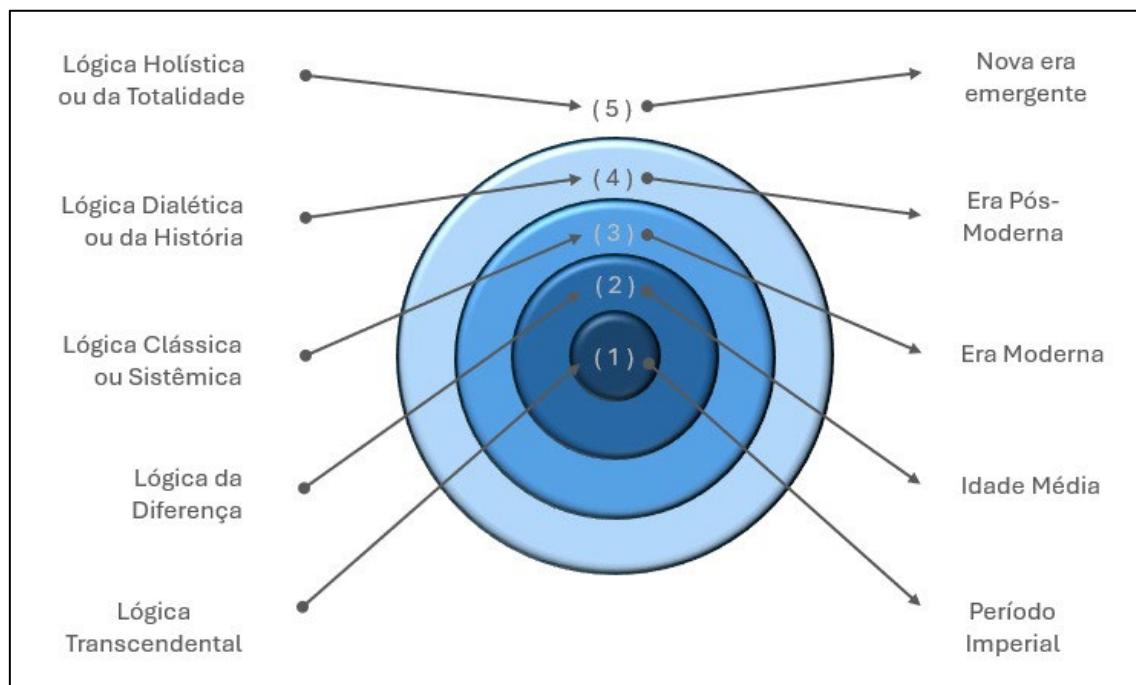
A história do discernimento descortina nova perspectiva do campo de batalha no qual, atualmente, desenvolve-se, ou pode ser desenvolvida, a guerra cultural em que estamos empenhados e apresenta potencial, não de solução, mas de superação, da dicotomia esquerda x direita, que parece prender a humanidade ocidental em um beco sem saída. Os estudos que nos impulsionaram a identificar os fundamentos lógicos e ontológicos que permitiram a formulação dessa história do discernimento levaram-nos aos filósofos da Grécia Clássica, aos pré-socráticos e, mais adiante, ao Egito Imperial, além de estudos dos mitos, das linguagens simbólicas, da metafísica, dos textos de Platão, da matemática de Pitágoras, de lógica e de teoria do conhecimento, temas que não cabem nesta resenha³. A perspectiva metafísica que adotamos assenta-se, essencialmente, na teoria dos princípios de Pitágoras, na cosmovisão e na teoria do conhecimento de Platão e nos estudos de lógica do filósofo brasileiro Luiz Sérgio Coelho de Sampaio, o que nos levou a criar a Academia Platônica de Brasília, que oferece, desde 2022, todo o acervo resultante.

Para fundamentarmos a crítica que aqui oferecemos, parece suficiente usar como referência o esquema representativo da evolução do discernimento, criado para o trabalho intitulado *A equação da existência*⁴, o qual transcrevemos a seguir.

³ Para a cultura contemporânea, parece suficiente uma explicação superficial dotada de coerência. Os mais exigentes podem encontrar explicações detidas nos trabalhos que compõem a biblioteca da Academia Platônica de Brasília. Particularmente no trabalho intitulado *A equação da existência*, de 2025, e no livro *Platão e a lenda do quinto império*, da Thesaurus Editora de Brasília, de 2024.

⁴ Disponível em https://academiadeplatao.com.br/artigo_detalhe?id=494.

A evolução do discernimento



Essa figura mostra a estrutura básica assumida pelo processo civilizatório quando se leva em conta o papel determinante das lógicas e dos modos de pensar normatizados por elas na senda evolutiva do discernimento, o qual surge amparado pela lógica 1, que potencializa o modo de pensar mais simples e elementar, vislumbrando uma primeira parcela da realidade. Quando esse modo de pensar universaliza-se e a população realiza as suas potencialidades, resta caracterizado um modo típico de ser e de viver, isto é, um padrão civilizatório correspondente, identificado pela historiografia como Período Imperial. Quando a percepção humana geral amplia-se pela universalização da lógica 2, que possibilita um olhar mais abrangente, ocorre uma crise; no entanto, com o tempo, o novo modo de pensar impõe-se, tanto porque oferece respostas mais esclarecedoras como porque revela os limites do olhar anterior. Quando esse olhar generaliza-se e seus potenciais são realizados, fica caracterizada nova era, que foi identificada como Idade Média. A mesma condição ocorre com o advento da Era Moderna, presidida pela lógica 3, e com a Era Pós-Moderna, patrocinada pela lógica 4. Essas lógicas ou esses padrões lógicos estão cientificamente formalizados e explicam com precisão os modos de ser e de pensar de cada era. Explicam tanto a religiosidade das duas eras iniciais como a marginalização da religião nas duas eras seguintes. A lógica 3, Lógica Clássica ou Sistêmica, da Era Moderna, ao movimentar o princípio de causa e efeito, justifica o pensamento sistêmico, a criação das máquinas que precisam repetir sempre o mesmo movimento, o projeto de sistemas produtivos de grande escala, a acumulação acelerada de capital, o capitalismo e, enfim, a ciência da matéria e o modo moderno de ser e de viver. Outrossim, a lógica 4, Lógica Dialética ou da História, que opera confrontando tese e antítese na geração de uma síntese, na medida em que ressalta os conflitos dos homens com as suas circunstâncias, gera, naturalmente, as ideias socialistas que clamam por igualdade em um mundo marcado por diferenças, razão pela qual suas primeiras manifestações serão “revolucionárias” e contrárias ao sistema, isto é, contrárias aos valores da Era Moderna capitalista, motivo pelo qual se identifica como Era Pós-Moderna.

A maneira metafísica de organizar a história e a realidade revela aspectos inusitados que passam despercebidos em outras perspectivas. O primeiro deles que precisa ser aqui mencionado é o fato de a história do discernimento revelar que a Era Pós-

Moderna não configura o fim da história e que, além e acima dela, a natureza preconiza uma quinta era presidida por uma lógica 5, que normatiza um modo de pensar complementar, o qual vislumbra a totalidade da existência e dos fenômenos e que revela que os quatro outros modos de pensar compreendem, cada um, apenas uma parte desse todo⁵. Uma vez que a capacidade de discernimento evolui a partir da lógica 1, o domínio pleno da razão ocorre quando se aprende a operar formalmente a lógica 5. Observe-se que a conquista dessa lógica corresponde, no famoso mito da caverna de Platão, à saída do escravo da caverna alegórica e do mundo das sombras, ao seu enfrentamento da luz ofuscante do Sol e ao seu vislumbre da verdade⁶.

Embora a humanidade, em conjunto, esteja lidando, atual e hegemonicamente, com a lógica 4 Lógica Dialética ou da História, geradora de um modo dito pós-moderno de ser e de viver, a criança começa operando a lógica 1 e vai desenvolvendo competência cognitiva à medida que aprende a operar as demais, estacionando, virtualmente, na lógica 4 da cultura predominante no seu tempo. Com isso, resulta natural encontrar indivíduos encantados com algum valor próprio de uma das lógicas e que desdenham das restantes, o que limita drasticamente a sua capacidade de ver e de entender, ainda que a natureza faculte-lhes aprender a operar a lógica 5, Lógica Holística ou da Totalidade, caso sejam orientados devidamente. A prisão a valores de uma das quatro lógicas prejudica o indivíduo, mas não representa problema social enquanto ele não pretender impor essa visão parcial à totalidade dos homens e da realidade. Quando isso acontece, temos à nossa frente o que justamente merece ser designado de ideologia: a pretensão de impor ao todo algo que apenas vale para a parte. O que vale para o todo são valores e conceitos próprios do modo de pensar patrocinado pela lógica 5, além, naturalmente, de conceitos e de valores próprios das demais instâncias que sejam compatíveis com a totalidade. Esclareçamos: segundo a perspectiva metafísica, o processo é cumulativo tanto na construção da realidade como na constituição dos recursos inferenciais da mente humana. O ideólogo que pretende impor a sua crença aos demais pode estar preso na lógica 1 e manifestar-se como um fundamentalista religioso, tentando impor aos demais um deus que ele intuiu, possivelmente acreditando ser um emissário desse deus, com a missão de limpar a humanidade, eliminando os que não compartilham da sua fé. Um ideólogo prisioneiro da lógica 2 pode querer impor a todos uma ideologia maniqueísta qualquer de raça, de sexo, de gênero ou de alguma outra diferença. Um ideólogo prisioneiro de valores da lógica 3, por sua vez, pode entender que supremos são a produção de bens e de serviços, o sistema, o lucro ou a economia e relegar o humano à mera peça do sistema, algo substituível quando se quebra. Cabe ressaltar nesse ponto que as ideologias tributárias da lógica 3, Lógica Clássica ou Sistêmica, da Era Moderna merecem ser identificadas como ideologias capitalistas de direita. Assim também as ideologias tributárias da lógica 4, Lógica Dialética ou da História, originadas na Era Pós-Moderna, que absolutizam a igualdade, desconhecem diferenças e percebem opressão e dominação em toda parte, merecem ser identificadas como ideologias socialistas de esquerda.

Como se observa, a organização metafísica da história humana, contemplando a evolução do discernimento, altera, radicalmente, o campo e as condições de contorno que emolduram a guerra cultural em curso e potencializam uma estratégia de ação política mais consistente para todos os descontentes com os rumos socialistas impostos

⁵ A própria pluralidade fenomênica do mundo exige que os fenômenos sejam limitados, o que implica uma instância de totalidade que feche e delimita o fenômeno no âmbito da existência. Pode-se designar essa totalidade como inteligência organizativa realizada, que reúne e articula, sistematicamente, todos os componentes para constituir uma unidade fenomênica específica.

⁶ A Academia Platônica de Brasília oferece programa de estudo que possibilita a saída da caverna alegórica em termos racionais e metódicos.

modernamente às populações do Ocidente. Vejamos se esse olhar metafísico lhes convém.

Primeiramente, precisamos entender que o movimento surgido na Hungria, em 2010, com a eleição de Viktor Orbán, instituindo um governo de direita e que se espalhou pela Europa e pelas Américas em sucessivas derrotas de governos socialistas – apesar do aparelhamento e da torcida contrária da mídia internacional – e que foi rotulado por essa mesma mídia como “guinada política para a direita”, na verdade, não constitui um movimento de direita, uma vez que isso significaria um retrocesso civilizatório e inferencial para valores próprios da Era Moderna. Tal retrocesso significa uma impossibilidade civilizatória: o conhecimento é um caminho sem volta, e o discernimento apenas pode ampliar-se, salvo no caso de uma catástrofe planetária que nos levasse de volta à Idade da Pedra. Ao contrário, o que está acontecendo é que, embora ainda de modo inconsciente, o homem ocidental cansou-se da desordem política e da degradação ética e moral que estão sendo impostas aos países ocidentais neste período pós-moderno e está almejando o resgate da orientação civilizatória que nos trouxe das cavernas até aqui. Cansado de todas as ideologias, está ansioso por uma civilização pós-ideológica orientada para o sucesso existencial da espécie. Algo que apenas a presença hegemônica da lógica 5 e de um modo de pensar capaz de vislumbrar o todo e a realidade em toda a sua extensão pode propiciar. Significa isso que, intuitivamente, a população ocidental da Europa e das Américas está começando a pensar dessa forma, mesmo sem ainda dar-se conta disso. A universalidade ocidental da onda expressa na ascensão de Marine Le Pen, na França, de Giorgia Meloni, na Itália, de Javier Milei, na Argentina, de Santiago Abascal, na Espanha, de Recep Tayyip Erdoğan, na Turquia, de Benjamin Netanyahu, em Israel, de Shigeru Ishiba, no Japão, de Narendra Modi, na Índia, de Rasmus Paludan, na Dinamarca, de Donald Trump, nos Estados Unidos, e de José Messias Bolsonaro, no Brasil, também presente na Holanda e na Grécia, é sinal mais do que evidente de que a nova era está despontando. O fato de tratar-se de um movimento ainda inconsciente, mas geral no mundo ocidental, evidencia que se refere a uma mudança que se está operando no inconsciente coletivo ocidental, impondo, assim, irreversivelmente, uma nova realidade cultural. Ou seja, uma nova realidade cultural está impondo-se universalmente no ocidente, enquanto a esquerda trava uma guerra cultural com um fantasma que rotulou de direita. Um erro que somente quem se satisfaz com narrativas e despreza a natureza pode cometer.

Em segundo lugar, é preciso compreender que a diáde esquerda x direita constitui recurso topológico horizontal próprio da lógica 2, na qual impera a simetria e a diferença, e, assim, constitui uma ferramenta de amplitude bidimensional de sentido predominantemente horizontal. Quando usamos esse recurso para conjugar frutos da lógica 3 – ideologias de direita – com frutos da lógica 4 – ideologias de esquerda –, estamos diante de um sofisma conveniente à esquerda: horizontaliza-se uma relação que, na verdade, é vertical e hierárquica. A lógica 4, Lógica Dialética ou da História, é superior à lógica 3, Lógica Clássica ou Sistêmica, em capacidade de vislumbrar e entender a realidade, tanto assim que a Modernidade foi, de fato, suplantada pela Pós-Modernidade. Quando o novo modo de pensar emergente aceita ser classificado como de direita e admite contraposição horizontal com uma lógica superior, já perdeu a batalha antes de iniciar a luta. O que os arautos do novo modo de pensar precisam é recusar o rótulo de direita capitalista e assumir como identidade o que realmente são: mensageiros ou promotores de uma nova era civilizatória, patrocinada por uma lógica da totalidade capaz de viabilizar tanto uma cultura pós-ideológica como uma população plenamente realizada em sua humanidade, isto é, dotada de domínio pleno da razão e, assim sendo, harmonizada com a natureza e capacitada para pensar metódicamente. Uma humanidade que, finalmente – tendo superado a caverna alegórica –, vislumbra a realidade.

Agora sim, munidos da perspectiva metafísica, podemos empenhar-nos em uma guerra cultural contra os valores pós-modernos, não para anulá-los, mas para superá-los, tendo, nesse momento, não apenas real possibilidade, mas também certeza de sucesso. A começar pelo fato de que não se trataria de um confronto com adeptos da lógica 4, mas, sim, da necessidade de mostrar a eles a conveniência de migrar para uma lógica superior em capacidade de ver e de entender a realidade, juntamente com a demonstração dos limites da lógica que hoje adotam.

Examinemos, como exemplo, o caso das universidades públicas brasileiras, atualmente empenhadas em ensinar aos alunos a supremacia das teses socialistas. Se porventura viessem a adotar a perspectiva metafísica sistematizada pela Academia Platônica de Brasília, poderiam mudar o foco e, em lugar de ensinar aos alunos sobre O QUE pensar, poderiam ensiná-los COMO PENSAR, para obter interpretações correspondentes à realidade, isto é, ensiná-los a pensar metodicamente, com base em uma teoria do conhecimento formal e instrumental já existente. O ensino do modo correto de pensar, fundamentado na Lógica 5, Holística ou da Totalidade, anuncia-se como a principal indústria de uma civilização em fase de consolidação, e as universidades poderiam ser o carro-chefe dessa transformação. Caso, ao contrário, os profissionais da área insistirem em tentar preservar uma cultura em declínio, os atuais indicadores da evolução dos números de matrículas e de custo por aluno já indicam uma tendência clara de que, mais dia, menos dia, será colocada em xeque a própria sobrevivência das universidades, no mínimo, como instituições públicas. Basta olhar os números⁷.

A perspectiva metafísica adotada permite analisar e criticar com melhor resultado todas as áreas de conhecimento, até mesmo a Física Quântica, conforme trabalho indicado no final do texto. O mesmo tipo de análise pode ser feito, portanto, sobre o movimento feminista, as teses racial e LGBT+, a natureza complementar de homem e mulher e as minorias de toda ordem, mas esse não é o nosso propósito aqui. A lógica 5, sendo fruto cumulativo das outras quatro lógicas que lhe são ontológicas, descortina a totalidade, mas não elimina todas as conquistas precedentes, apenas desvaloriza ou revaloriza corretamente algumas delas, revelando seus limites. O fracasso econômico do socialismo deve-se ao fato de que um veículo apenas funciona sistematicamente (Lógica Clássica ou Sistêmica) e não dialeticamente (Lógica Dialética ou da História). Rússia e China entenderam isso, o Brasil parece que ainda não o fez. Da mesma forma, o capital, útil e necessário à produção em grande escala, não pode impor as suas conveniências ao governo que, necessariamente, precisa contemplar o interesse do todo. Da mesma forma, minorias precisam ter os seus direitos preservados, no entanto, trata-se de direitos de minorias. Ou seja, a visão do todo, ao obedecer a Lógica Holística ou da Totalidade, que é uma lógica que reúne, articula e organiza componentes para constituir uma totalidade, uma unidade fechada e estável, precisa harmonizar tudo o que se encontra sob o seu alcance e, para tanto, precisa articular as coisas de modo conveniente a essa totalidade. É essa força unificante que consegue domar os antagônicos próton e elétron e constituir um átomo ou reunir os antagônicos hidrogênio e oxigênio e gerar água e assim por diante, edificando um universo evolutivo crescentemente complexo e organizado.

Voltando à nossa resenha, enfatizamos que vale a pena a leitura da obra de Laje, particularmente por aqueles insatisfeitos com o andar da carruagem pós-moderna. Pelo que nos ensina a metafísica, o início de uma nova era não pede licença para ninguém. Os imperadores da primeira era não conseguiram conter o advento da Idade Média, nem os

⁷ Documentário Utopia da Brasil Paralelo. Disponível em:

https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/unitopia/media/66e8f1ae7d7748002eb29017?sharer_id=631bb55fef65ee00264236aa&share-medium=copy-link&item-id=66e8f1ae7d7748002eb29017

príncipes e os cardeais desta tiveram forças para se opor ao surgimento da Modernidade. Não serão os intelectuais pós-modernos que conseguirão impedir a evolução da humanidade. Podemos, porém, todos os hoje presentes no palco da vida, tomar posição vantajosa: basta estudar.

Brasília, novembro de 2025.

Obras correlatas de Rubi Rodrigues:

- A equação da existência* – 2025 – Disponível em:
https://academiadeplatao.com.br/artigo_detalhe?id=494.
- Física: uma ciência em busca de uma ontologia – resenha crítica de um metafísico* – 2025 – Disponível em: https://academiadeplatao.com.br/artigo_detalhe?id=493.
- Platão e a lenda do quinto império – 2024 – Livro disponível no *site* da Amazon e na Thesaurus Editora de Brasília.
- O zelo de Deus: resenha crítica de um metafísico – 2019 – Disponível em:
https://academiadeplatao.com.br/artigo_detalhe?id=346.
- Espaço-tempo: uma mutilação da realidade* – 2018 – Disponível em:
https://academiadeplatao.com.br/artigo_detalhe?id=341.
- Homo Deus: resenha crítica de um metafísico – 2017 – Disponível em:
https://academiadeplatao.com.br/artigo_detalhe?id=338.

* Disponíveis também no *site* da Academia.edu.